



Comunicações

da Faculdade Batista Pioneira

A importância da Pesquisa Acadêmica na Teologia

batistapioneira.edu.br

II Seminário Internacional de Comunicações

doi.org/10.58855/2966-165X.2024.v2.020



Comunicações está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

O PAGANISMO CANANEU E A DESTRUIÇÃO DE ISRAEL

The Canaanite Paganism and the Destruction of Israel

Carlos Eduardo Brechani¹

RESUMO

O presente artigo toma da realidade concreta uma indagação que consubstancia o problema posto: há nos dias atuais reminiscências do paganismo cananeu que se fez presente na antiga nação de Israel? Para alcançar a resposta é construído um silogismo sustentado em duas premissas: a primeira são as características do paganismo cananeu e as influências que ele gerou na nação de Israel; a segunda é a identificação, no mundo atual, de possíveis resquícios desse credo que possam influenciar o cristão. Em razão da amplitude do cenário místico atual, apenas um personagem é pinçado para ilustrar a segunda premissa: Friedrich Nietzsche. A hipótese é que a obscuridade de muitos de seus textos esteja ligada ao misticismo pagão. O confronto entre as premissas demonstra que há, de fato, reminiscências pagãs canaanitas em sua obra. O objetivo geral coincide com a resposta ao problema, ou seja, verificar se há reminiscências pagãs no mundo contemporâneo. São objetivos específicos: i) explicar o que é o paganismo e suas origens; ii) demonstrar a influência que a nação de Israel dele suportou e suas consequências; e, por fim, iii) identificar, na obra de Nietzsche, os resquícios desse credo. O procedimento técnico utilizado é o bibliográfico e a abordagem é meramente qualitativa. A tipologia é explicativa, hermenêutica e dissertativa. A título de considerações finais, além da resposta ao problema apresentado, foi exposto o risco de o cristão dedicar-se a leituras que podem incorporar no seu íntimo, sem nem mesmo se aperceber, princípios pagãos que podem conduzir a juízo divino.

¹ Mestrando em Teologia pelas Faculdades Batista do Paraná. Especialista em Direito Processual Civil pela Universidade de Taubaté. Graduado em Direito pela Universidade de Taubaté. Promotor de Justiça no Ministério Público do Estado de São Paulo. ORCID: <https://orcid.org/00009-0000-7624-9504> - E-mail: cebrechani@hotmail.com

Palavras-chave: Paganismo. Rituais cananeus. Nietzsche. Idolatria.

ABSTRACT

The present article takes from concrete reality a question that embodies the problem posed: are there any reminiscences of Canaanite paganism that was present in the ancient nation of Israel? To reach an answer, a syllogism is constructed based on two premises: the first premise involves the characteristics of Canaanite paganism and the influences it had on the nation of Israel; the second involves identifying, in today's world, possible remnants of this belief that may influence Christians. Due to the breadth of the current mystical scene, only one figure is highlighted to illustrate the second premise: Friedrich Nietzsche. The hypothesis is that the obscurity of many of his texts is linked to pagan mysticism. The comparison between the premises shows that there are, in fact, Canaanite pagan reminiscences in his work. The general objective coincides with the answer to the problem, which is to verify whether there are pagan reminiscences in the contemporary world. The specific objectives are to explain what paganism is and its origins; to demonstrate the influence that the nation of Israel endured from it and its consequences; and finally, to identify the remnants of this belief in Nietzsche's work. The technical procedure used is bibliographical and the approach is purely qualitative. The typology is explanatory, hermeneutical, and discursive. As final considerations, in addition to the answer to the presented problem, the risk of Christians dedicating themselves to readings that may incorporate pagan principles that can lead to divine judgement, without even realizing it, will be exposed.

Keywords: Paganism. Canaanite rituals. Nietzsche. Idolatry.

INTRODUÇÃO

O presente artigo colhe da realidade concreta contemporânea uma indagação que impõe análise: há nos dias atuais reminiscências do paganismo cananeu que se fez presente na antiga nação de Israel? Este é o problema posto e a obtenção da resposta consubstancia seu objetivo geral. Para alcançá-la será construído um silogismo sustentado em duas premissas: a primeira são as características do paganismo cananeu e as influências que ele gerou na nação de Israel; a segunda é a identificação, no mundo atual, de possíveis resquícios desse credo que possam influenciar o cristão.

No que toca ao conteúdo da segunda premissa, ou seja, a pesquisa por potenciais reflexos do credo pagão no mundo atual, é selecionada a obra de Nietzsche. Esse filósofo alemão escreveu diversas obras consideradas, por seus críticos, como enigmáticas e de estética única e é possível que essas características estejam ligadas justamente ao misticismo. Naturalmente, não há como adentrar na mente de uma pessoa para estabelecer com absoluta segurança quais são as suas cosmovisão e convicção sobre um tema qualquer, mas, no caso de Nietzsche, por haver um grande repertório de textos, é possível investigar em sua obra se há pistas objetivas sobre seu ponto de vista.

Das premissas postas inferem-se os objetivos específicos: explicar o que é o paganismo e suas origens; demonstrar a influência que a nação de Israel dele suportou e suas consequências; e, por fim, identificar, na obra de Nietzsche, os resquícios desse credo. O

procedimento técnico utilizado é o bibliográfico por incluir a análise de referencial teórico sobre os dois assuntos. A abordagem é meramente qualitativa porque não há pesquisas de campo ou estudos de caso. A tipologia é explicativa porque visa a esclarecer uma problemática pinçada da realidade; hermenêutica por ser imprescindível o confronto entre as duas premissas e a interpretação do resultado obtido com tal; e, por fim, dissertativa porque a solução à problemática demanda argumentação e interpretação.

A título de conclusão e considerações finais, além da resposta ao problema apresentado, será apresentado um alerta ao cristão do risco de dedicar-se a leituras pagãs, mesmo inadvertidamente, e, com isso, incorporar no seu íntimo princípios malignos sem nem se aperceber de tal.

1. PAGANISMO E IDOLATRIA NA ANTIGUIDADE: DEFINIÇÃO E ORIGENS

O paganismo é um sistema de crença em que a divindade é despersonalizada ou difusa, ou seja, está presente em todas as coisas, inclusive no próprio ser humano.² Deus é imanente, não está incorporado em uma única pessoa ou em um único objeto de adoração exterior ao ser humano ou ao mundo material. Sua origem como religião está associada ao natural desenvolvimento da civilização: no princípio o ser humano era nômade, ou seja, percorria a terra em busca de recursos que garantiriam sua subsistência, especialmente água e alimentos; quando os recursos ficaram escassos, uma nova região era procurada para ser habitada. Não havia o estabelecimento de uma residência de forma definitiva.

Com a Revolução Agrícola o ser humano aprendeu técnicas de cultivo e criação de animais. Dominou a irrigação e aprimorou-se na empreitada de escavar poços. Com isso, tornou-se sedentário. No exato momento em que não foi mais necessário procurar por meios de subsistência, as primeiras cidades surgiram. Esse novo modo de vida exige boas colheitas agrícolas e fertilidade dos animais. Como o ser humano não sabia identificar os fatores que contribuíam para o sucesso ou o infortúnio na produção, passou a identificar na própria natureza os elementos responsáveis pelo resultado. Ela passou, então, a ser considerada como detentora de poderes sobrenaturais que intervinham diretamente na prosperidade.

Os poderes naturais, na ótica do ser humano primitivo, eram verdadeiras expressões de divindades que habitavam invisivelmente nos seres materiais. Assim é que se tornaram objeto de adoração o sol, a lua, as estrelas, a terra, a água e os animais. Desejoso em agradar as coisas veneradas, as pessoas esculpiram estátuas e símbolos para representá-las e passaram a adorá-las. Assim nasceu o paganismo. Algumas das suas principais características são a deificação da criação, a adoração por meio ídolos e o politeísmo. “Na visão de mundo pagã, a ‘deidade’ está presente em todas as coisas, não incorporada em uma única forma”.³ Foi uma decorrência natural do paganismo a construção de imagens para representar os deuses em que cria, dando origem à idolatria como expressão material do credo.

² STAR, Riley. **Paganism**: an introductory guide. Nevada: NRB, 2015, p. 3.

³ STAR, 2015, p. 3, tradução nossa.

Atanásio apresenta interessante explicação sobre como a idolatria desenvolveu-se psiquicamente no ser humano. Para ele, os seres humanos desprezaram as coisas de Deus e voltaram a mente para o que estava mais próximo de si, ou seja, o corpo e os sentidos. Com isso, criaram ídolos que representavam o corpo e a alma.⁴ Na sequência, habituaram-se aos desejos carnis e psíquicos e escravizaram sua *psiqué*.⁵ Passaram a temer a morte por acarretar a separação dos prazeres carnis e mudaram a contemplação de Deus para a do próprio corpo e dos objetos que criou como representação. Assim o ser humano perdeu contato com o verdadeiro Deus.

O paganismo, mais do que uma crença, era um verdadeiro modo de vida para os povos da antiguidade. Assim como fazia parte da rotina diária o semear, o plantar, o regar e o colher, as práticas rituais de adoração eram também cotidianas e naturais. Não havia uma reflexão sobre a condição religiosa ou mítica no agir, tampouco a compreensão de que se tratava de uma religião. “Elas executam seus ritos, narram seus mitos, conservam suas normas e vivem suas emoções sem reflexão analítica ou generalização linguística”.⁶

Achados arqueológicos comprovam que o paganismo cananeu era bastante centrado no culto à fertilidade⁷, exatamente porque a finalidade última era agradar os deuses para garantir a boa safra e a reprodução dos animais.⁸ “Acreditava-se que esses rituais faziam prosperar, de alguma forma, as colheitas e o gado”.⁹ Na antiga cidade de Ugarite, na moderna Ras Shamra, na costa litorânea do norte da Síria, lado oposto à moderna Chipre, foram descobertos tabletes de barro em escrita cuneiforme que revelaram como funcionavam os ritos de adoração dos deuses cananeus.¹⁰

Ugarite não era situada na área da antiga Canaã, mas possuía características culturais e religiosas praticamente idênticas às dos cananeus. Sua importância na antiguidade era enorme¹¹, a ponto de ser mencionada em inscrições egípcias, nas Cartas de Amarna e em documentos hititas.¹² A localização do sítio arqueológico ocorreu acidentalmente em 1929, quando um camponês, ao lavrar a terra nas proximidades do mar, encontrou uma passagem subterrânea que conduzia a uma câmara tumular em estilo micênico. A França teve notícia da descoberta e logo Monsieur Dussaud, conservador de antiguidades do Louvre, enviou o Prof. Claude Frédéric-Armand Schaeffer para iniciar a investigação.¹³

⁴ ATANÁSIO DE ALEXANDRIA. **Contra os pagãos**. [S./l.]: História Magna, 2021, posição 108.

⁵ ATANÁSIO, 2021, posição 124.

⁶ SMITH, Wilfred C. **O sentido e o fim da religião**. Tradução de Geraldo Korndörfer. São Leopoldo: Sinodal, 2006, p. 59.

⁷ THOMPSON, John A. **A Bíblia e a arqueologia**: quando a ciência descobre a fé. Tradução de Neyd Siqueira. São Paulo: Vida Cristã, 2007, p. 108.

⁸ FINEGAN, Jack. **Light from the ancient past**: the archaeological background of the Hebrew-Christian religion. 2.ed. Princeton: Princeton University, 1959, vol. I, p. 174.

⁹ THOMPSON, 2007, p. 108.

¹⁰ CHARLES RIVER EDITORS. **Os antigos cananeus**: a história das civilizações que viveram em Canaã antes dos israelitas. São Paulo: Charles River, 2020, p. 19.

¹¹ BRION, Marcel. **A ressurreição das cidades mortas**. Genève: Ferni, 1975, vol. 3, p. 188.

¹² FINEGAN, 1959, p. 171.

¹³ MAGNUSSON, Magnus. **Archaeology of the bible**. New York: Simon and Chuster, 1977, p. 81-82.

O sistema ritualístico era complexo e, neles, a lascívia era a tônica. “Nos templos cananeus havia prostitutas masculinas e femininas (homens e mulheres ‘sagrados’) e toda sorte de excessos sexuais eram praticados”.¹⁴ As práticas eram horrendas e bárbaras, vis a ponto de Levítico 18.25 ter assinalado que a terra vomitou os seus moradores. A religião era politeísta e os artefatos encontrados em Ras Shamra revelam que o deus superior era El, representado em idade madura e majestoso em aparência.¹⁵ Possuía três esposas que eram também suas irmãs¹⁶ e usualmente abandonava a posição de divindade para vir à terra praticar atos de luxúria.¹⁷

O filho de El era *Baal-Shamem*, “o senhor do céu”, cuja voz se propagava como trovões - por isso é que era representado com uma clava em uma das mãos e com trovões na outra¹⁸, lançando-os sobre a terra - na qualidade de regulador climático, garantiria a fertilidade do solo. Era ampla e altamente cultuada.¹⁹ Sua identificação com o touro demonstra a importância que era dada ao poder e virilidade sexuais.²⁰ A deusa Anate combinava a condição de irmã e de esposa de Baal. Era cultuada por rituais carnais, normalmente em torno de um totem com o formato do órgão sexual masculino.²¹ Apelidada de *qudshu*, “a santidade”, no sentido moral pervertido, era retratada na forma de uma mulher nua²², às vezes montando um leão, trazendo um lírio em uma mão e uma serpente na outra, de modo a indicar sua característica de cortesã divina. Os atos sexuais praticados em sua homenagem eram chamados de *gadesh*, traduzido como “sodomitas”.²³ Astarote ou Astarte era também relacionada com o sexo e a guerra e, para Magnusson, era ela a deusa chefe da fertilidade.²⁴ Seu nome é cognato de Istar, cultuada na Mesopotâmia, especialmente na região norte da Acádia; da deusa Inana, adorada em alguns pontos da Suméria, na Mesopotâmia do sul; e da deusa Baalate, ícone em Biblos, cujo nome pode ser traduzido pela expressão “nossa amada senhora”.²⁵

O panteão cananeu é extenso e diversificado, inclui diversas outras deidades como Aserá ou Athirata, esposa de El na mitologia ugarítica, chamada de *Athirata-Yammi* e principal deusa fenícia²⁶; Mote, inimigo de Baal e deus da seca e da fome; Resepe, deus da pestilência e senhor do mundo inferior; Sulamã ou Salim, deus da saúde; Cosar, deus das artes e dos

¹⁴ THOMPSON, 2007, p. 108.

¹⁵ FINEGAN, 1959, p. 173.

¹⁶ LAFAYETTE, Maximilien. **Encyclopedia of gods and goddesses of Mesopotamia, Phoenicia, Ugarit, Canaan, Carthage and the ancient Middle East**. New York: Times Square Press, 2015, vol. I, posição 1881-1956.

¹⁷ UNGER, Merril F. **Arqueologia do Velho Testamento**. Tradução de Yolanda M. Krievin. São Paulo: 2004, p. 154-155.

¹⁸ LAFAYETTE, 2015, posição 1306.

¹⁹ UNGER, 2004, p. 155-156.

²⁰ CHARLES RIVER EDITORS, 2020, p. 19.

²¹ UNGER, 2004, p. 156-158.

²² MAGNUSSON, 1977, p. 84.

²³ UNGER, 2004, p. 156-158.

²⁴ MAGNUSSON, 1977, p. 84.

²⁵ HERM, Gerhard. **O reino de púrpura da antiguidade: os fenícios**. São Paulo: Melhoramentos, 1976, p. 122

²⁶ LAFAYETTE, 2015, posição 1047-1181.

ofícios²⁷; Dagom, deus nacional dos grãos para os filisteus; e Moloque, ou Milcom, deus nacional dos amonitas.²⁸

Com tamanha ignomínia, não é de se estranhar que o destino dos canaanitas tenha sido profetizado pela Bíblia em Gênesis 9.25. Unger afirma que os cultos canaanitas eram inteiramente imorais; tinham o poder de enfraquecer e corromper; eram perigosamente contagiosos; e justificam plenamente a ordem divina de destruição de seus seguidores.²⁹ Toda essa impiedade contaminou profundamente o povo de Deus.

2. O PAGANISMO EM ISRAEL E AS CONSEQUÊNCIAS DA IDOLATRIA

O paganismo sempre esteve presente na história de Israel. A nação começou a ser formada no Egito, durante os quatrocentos anos de escravidão, e naturalmente a crença pagã egípcia a afetou. A partir do momento em que houve o Êxodo e, com ele, o compromisso firmado pelo povo com o Senhor na primeira Páscoa (Êx 12.21-28), o que se esperava do povo era a fidelidade àquele que os retirou do cativo.

O testemunho de incríveis milagres e maravilhas durante a fuga do Egito não motivou o povo ao abandono do paganismo. Quando Moisés subiu o monte Sinai para receber os mandamentos de Deus, o povo, achando que o retorno era tardio, clamou a Arão pela feitura de um deus que os guardasse. Um bezerro de ouro foi construído (Êx 32.1-10). Não fosse a intercessão de Moisés (Êx 32.11-14) ali mesmo o povo teria sido destruído. Esse quadro nunca se alterou na história de Israel.

O Senhor, em sua onisciência, sabia de antemão que os israelitas seriam influenciados pelo paganismo. Por isso, desde os primórdios levantou profetas para orientá-los. Enoque é o primeiro de que se tem notícia na Bíblia (Gn 5.22-24), embora Abraão seja o primeiro expressamente assim denominado (Gn 20.7). Enorme quantidade de profetas e profetisas foram selecionados para advertir o povo sobre seus maus caminhos e instá-lo à correção de rumos.

A proclamação profética foi feita de várias formas: por palavras, expressões exortativas como “Assim diz o Senhor!”, ações simbólicas, gestos e dramas. O modo de vida íntegro dos profetas mostra que era possível ter santidade e dignidade mesmo diante da interferência de nações estrangeiras pagãs. A escusa de que não foi compreendido o alerta não socorre aos israelitas.

No período em que permaneceram quarenta anos no deserto, Deus, por meio de Moisés, reiteradamente advertiu os israelitas sobre o risco de incorporarem o paganismo em suas vidas. Nos dez mandamentos consta expressamente a ordem de que imagens de escultura não sejam esculpidas e de que ídolos não sejam adorados (Êx 20.4,5). Fica nítido o perigo ínsito.

²⁷ UNGER, 2004, p. 157.

²⁸ HERM, 1976, p. 125-126.

²⁹ UNGER, 2004, p. 158-159.

Ezequiel censurou a Casa de Israel afirmando que havia erigido ídolos nos corações (Ez 14.3-7). Jeremias reprovou a idolatria que se fazia presente não apenas em Israel, mas, também, em Judá (Jr 11.12). Isaías sinalizou que toda a terra estava cheia de ídolos e que os homens se inclinavam perante eles (Is 2.8).

No período monárquico a impiedade ficou mais intensa e grave, na medida em que, até então, o povo ainda se arrependia dos seus pecados e contava com a misericórdia divina. A consciência da nação parece ter sido cauterizada, tal como testemunhado em outras épocas (1Tm 4.2). O coração dos israelitas permaneceu endurecido até os tempos de Jesus (Mt 13.15).

Fica muito perceptível que os israelitas deveriam se acautelar fortemente contra as interferências espirituais estrangeiras: em Êxodo 23.24-25,32-33 é manifesta a incompatibilidade entre o paganismo e a crença no Senhor. Deus ordenou que o povo não se curvasse diante das divindades canaanitas, não lhes prestassem culto, não realizassem seus rituais e, por fim, não fizesse qualquer tipo de aliança com os estrangeiros daquela região.

O Senhor compara a idolatria à prostituição. Israel era sua noiva prometida (Ez 16.8-14; Os 2.19), mas se tornou prostituta (Os 4.11,12), a ponto de ser considerada príncipe de Sodoma (Is 1.10). Oséias (Os 2.13), Ezequiel (também trouxe ao povo a advertência de que o juízo seria inevitável se não houvesse o arrependimento. Ezequiel foi outro profeta que admoestou o povo sobre seus pecados (Ez 23.30,49). Isaías, de forma contundente, trouxe à luz a mensagem divina de que a terra de Israel estava cheia de ídolos feitos por mãos humanas (Is 2.8). Garantiu que Jerusalém estava arruinada porque sua língua e obras eram contra o Senhor: eles não dissimulavam os pecados de Sodoma, ou seja, os ligados à sexualidade (Is 3.8-9).

Somente com os anos é que os israelitas perceberam as graves consequências dessa contaminação: O Reino do Norte foi destruído pelos Assírios e o Reino do Sul foi relegado ao exílio babilônico. A idolatria trouxe seu inexorável juízo. O paganismo estava tão infiltrado no coração e na mente da nação que, se Deus não a punisse severamente, provavelmente não seria possível retomar, no futuro, a comunhão com o Senhor. O duro juízo da parte de Deus foi indispensável para que a idolatria fosse devidamente punida.

A grande lição que se extrai da mensagem profética é que o paganismo e a idolatria conduzem o servo de Deus à destruição. O Senhor é zeloso (Êx 20.5; 34.14; Dt 5.9) e tem cuidado com seu povo. A mensagem é atual, na medida em que o paganismo nunca deixou de existir, embora, atualmente, possua outras expressões além da escultura de ídolos.

A apresentação do paganismo cananeu com sua definição, origens e características, e a exposição da sua influência e das consequências que gerou na antiga nação de Israel, estruturam a primeira premissa do silogismo em construção. A partir desse momento, o objetivo é cuidar da segunda premissa, ou seja, verificar se há reflexos desse credo pagão no mundo atual tomando como referência a obra de Friedrich Nietzsche.

3. O PAGANISMO NA OBRA DE FRIEDRICH NIETZSCHE

Friedrich Wilhelm Nietzsche nasceu na Prússia, em 1844, na cidade de Röcken.³⁰ Seus pais, Karl Ludwig Nietzsche e Franziska Ernestine Rosaura Oehler, eram luteranos praticantes³¹ e descendiam de uma família com sólida formação teológica, filosófica e pastoral. “O pai de Nietzsche era o pastor luterano do vilarejo, e o pai de seu pai havia sido um superintendente, o equivalente luterano de um bispo”.³²

Nietzsche é festejado por filósofos e pensadores como uma grande mente. Para Seamus, ele “[...] se destaca como um dos grandes pensadores da história, cujas obras e ideias tiveram um impacto profundo e duradouro no mundo intelectual”.³³ Para Magnus e Higgins, “Ele foi simplesmente um os mais influentes pensadores europeus modernos”.³⁴

Karl Jaspers, o filósofo alemão, dividiu a história do pensamento ocidental em dois períodos, fazendo de Nietzsche um divisor de águas. Se antes dele dominava o “conhece-te a ti mesmo” socrático— que perdurou até Hegel, com o qual alcançou o ápice—, depois dele a filosofia se caracteriza por um profundo desengano em relação à racionalidade, pela dissolução de todos os elos e pela queda de todas as autoridades. György Lukács, o crítico literário húngaro, esclareceu Nietzsche como o “destruidor da razão”, a “expressão da ideologia reacionária do imperialismo mundial”, principalmente no livro intitulado *De Nietzsche a Hitler ou o Irracionalismo e a Política Alemã*. Martin Heidegger, por sua vez, identificou Nietzsche como o último dos filósofos metafísicos e colocou o divisor de águas em si mesmo, dizendo ter sido ele o primeiro filósofo não- metafísico da história da filosofia ocidental. Max Weber, de sua parte, disse: “O mundo onde nós existimos em termos de pensamento é um mundo cunhado pelas figuras de Marx e Nietzsche”. Michel Foucault desenvolveu a Teoria do Filósofo e a base de todo seu pensamento sobre a visão que desenvolvera a respeito da obra do pensador alemão. Foucault vê Marx e Hegel como os responsáveis pelo humanismo de seu tempo e Nietzsche como a opção não- dialética— e, portanto, não-humanista— a esse ponto de vista.³⁵

Nietzsche empregou em sua obra uma linguagem marcadamente aforística, dúbia e nebulosa, a ponto de não permitir a compreensão clara da mensagem. Seus críticos justificam tal característica com a pretensa sistematização de seus escritos, um claro eufemismo para a grande confusão que os cercam. Há, inclusive, quem questione se ele realmente foi um

³⁰ SEAMUS, Giacomo. **Nietzsche, um humano, demasiadamente humano**. [S.l.]: E.M., 2024, p. 4.

³¹ AURÉLIO, Daniel Rodrigues. **Nietzsche: vida e pensamento**. São Paulo: Discovery, 2009, posição 6.

³² HOLLINGDALE, R. J. O herói como forasteiro. In: MAGNUS, Bernd; HIGGINS, Kathleen M (Org.). **Nietzsche**. Tradução de André Oídes. São Paulo: Ideias & Letras, 2017, p. 107.

³³ SEAMUS, 2024, p. 10-11.

³⁴ MAGNUS, Bernd; HIGGINS, Kathleen M (Org.). **Nietzsche**. Tradução de André Oídes. São Paulo: Ideias & Letras, 2017, p. 13.

³⁵ BACKES, Marcelo. Prefácio: breve introdução à importância de Nietzsche. In: Nietzsche, Friedrich. **Ecce homo: de como a gente se torna o que a gente é**. Tradução de Marcelo Marcelo Backes. Porto Alegre: L&PM, 2010, p. 2.

filósofo.³⁶ Behler passa quase cinquenta páginas apresentando interpretações divergentes sobre Nietzsche.³⁷

Schacht³⁸ e Solomon³⁹ argumentam que ele adotou uma abordagem perspectivista e uma estética peculiar, repletas de experiências artísticas-estéticas e de metáforas, e, por isso, seria um escritor pouco convencional. Essas tentativas de explicar a linguagem nietzschiana podem ser uma incompreensão acadêmica de sua idiossincrasia pagã.

Um possível indício dessa conclusão está na afirmação de Parkes de que Nietzsche teve íntimo contato com o misticismo indiano⁴⁰, uma crença marcadamente pagã por incorporar no seu credo o politeísmo e a convicção de que deus está contido em animais e em toda a criação. A presença do pensamento hinduísta pode ser um sintoma de sua afinidade com as crenças e práticas pagãs hinduístas.

Nietzsche entrou em contato com ideias da tradição indiana durante seus anos de estudante na *Schulpforta* [Escola de Pforta] (1862-1864), onde obteve pelo menos alguma familiaridade com os dois grandes épicos indianos, o *Mahabharata* e o *Ramayana*. Ele parece também ter sido exposto a algumas ideias básicas do hinduísmo e do budismo durante esse período, tais como as doutrinas do carma e do renascimento. É fácil assumir, em vista de sua longa amizade com o estudioso de sânscrito Paul Deussen, e também das muitas alusões a ideias indianas espalhadas ao longo da obra de Nietzsche, que ele teve um agudo interesse pela filosofia indiana, que o incitou a se familiarizar com o assunto até onde as traduções disponíveis permitiam.⁴¹

Desde o primeiro livro escrito por Nietzsche, qual seja, “o nascimento da tragédia”, publicado em 1872, ele já exibia uma fortíssima tendência ao paganismo. A obra é uma sustentação de que a tragédia grega foi alicerçada nas mitologias de Apolo e Dionísio, este último considerado como o princípio do excesso, frenesi e colapso.⁴² Com efeito, Dionísio, para os gregos, representado pelos romanos como Baco, é o deus do vinho, da celebração, da fertilidade, da festividade, do teatro e, fundamentalmente, do êxtase envolvido em todas essas práticas.⁴³

³⁶ SCHACHT, Richard. O tipo de filosofia de Nietzsche. In: MAGNUS, Bernd; HIGGINS, Kathleen M (Org.). **Nietzsche**. Tradução de André Oídes. São Paulo: Ideias & Letras, 2017, p. 185.

³⁷ BEHLER, Ernst. Nietzsche no século XX. In: MAGNUS, Bernd; HIGGINS, Kathleen M (Org.). **Nietzsche**. Tradução de André Oídes. São Paulo: Ideias & Letras, 2017, p. 336-382.

³⁸ SCHACHT, 2017, p. 199.

³⁹ SOLOMON, Robert C. O argumento *ad hominem* de Nietzsche: perspectivismo, personalidade e ressentimento revisitados. In: MAGNUS, Bernd; HIGGINS, Kathleen M (Org.). **Nietzsche**. Tradução de André Oídes. São Paulo: Ideias & Letras, 2017, p. 243.

⁴⁰ PARKES, Graham. **Nietzsche e o pensamento do leste asiático**: influências, impactos e ressonâncias. In: MAGNUS, Bernd; HIGGINS, Kathleen M (Org.). **Nietzsche**. Tradução de André Oídes. São Paulo: Ideias & Letras, 2017, p. 420.

⁴¹ PARKES, 2017, p. 420-421.

⁴² MAGNUS; HIGGINS, 2017, p. 36.

⁴³ ROBSON, Simon M. **Magia de Dionísio Baco**. Durham: Werevamp, 2022, p. 1.

Os gregos praticavam diversos rituais em sua homenagem, seja para adoração, seja para prosperidade. “Baco, o deus do vinho, da festa e do teatro, não era apenas uma figura mitológica, mas também o mestre da magia e dos rituais”.⁴⁴ Os rituais de Baco eram conhecidos em latim como *bachanalia*, traduzida como “bacanal”, palavra empregada até os dias atuais para indicar atos lascivos, excessos em vinho, danças, rituais e extravagâncias que incluíam orgias e promiscuidades.

Os ritos dionisíacos são muito semelhantes aos atos culturais sexuais dos cananeus. Embora a crença dionisíaca greco-romana não seja exatamente idêntica à fé canaanita – até porque o panteão é diverso –, a ação prática envolvida na adoração é muito semelhante, de modo a atestar uma proximidade ritualística entre ambas. Nas duas a prática sexual era importantíssima por refletir a fertilidade que se esperava da terra e dos animais.

A vinculação de Nietzsche com a prática ritual dionisíaca não é meramente inferida, o próprio autor a confessa explicitamente. Em seu livro “*Ecce Homo*”, de natureza autobiográfica, ao comentar o seu “Nascimento da tragédia”, confessa abertamente ser um praticante do culto dionisíaco. Afirma ter sido “[...] o primeiro a compreender o fenômeno maravilhoso do dionisíaco”.⁴⁵ É igualmente de sua lavra a afirmação de que: “[...] em ambos os casos eu obedeco à minha natureza dionisíaca, que não sabe separar o ‘fazer-não’ do ‘dizer-sim’”.⁴⁶ A crença dionisíaca acompanhou Nietzsche por toda a vida, a ponto de, nos seus últimos dias de vida, quando a loucura o tomara, ter passado a assinar suas produções literárias com o nome de Dionísio.⁴⁷

O livro “*Assim Falou Zaratustra*” é um dos que mais possui maior carga pagã. Ao comentá-lo em “*Ecce Homo*”, novamente confessou a paixão que nutria pelos ritos dionisíacos. Nele, aliás, há menção expressa também aos vedas indianos, de modo a novamente atestar a sua afinidade com a crença pagã hinduísta.

Essa obra ocupa um lugar à parte em minha obra. Deixemos o poeta de lado: talvez, inclusive, jamais tenha sido feito algo a partir de uma tal abundância de forças. Meu conceito “dionisíaco” tornou-se, ali, mais alta ação; se comparada a ela, todo o resto do fazer humano parece pobre e limitado. Que até mesmo um Goethe, um Shakespeare não saberiam respirar por um instante sequer nessa altura e nessa paisagem colossal, que Dante, comparado a Zaratustra, é um simples crente e não alguém que cria a verdade, um espírito que governa o mundo, um destino – que os poetas do Veda são apenas sacerdotes e nem sequer se mostram dignos de atar as sandálias de um Zaratustra... tudo isso é o mínimo e não dá ideia da distância, da solidão cerúlea na qual vive essa obra... Zaratustra tem o direito eterno de dizer: “Eu fecho círculos em volta de mim e fronteiras sagradas; é cada vez menor o número dos que sobem comigo a montanhas cada vez mais altas – eu construo uma cadeia de montanhas a partir de montanhas cada vez mais

⁴⁴ LEITE, Cláudia A. **Dionísio**: o deus do vinho e da celebração. Joinville: Clube de Autores, 2023, p. 42.

⁴⁵ NIETZSCHE, Friedrich. **Ecce homo**: de como a gente se torna o que a gente é. Tradução de Marcelo Backes. Porto Alegre: L&PM, 2010, p. 77.

⁴⁶ NIETZSCHE, 2010, p. 141.

⁴⁷ MILLER, posição 7901.

sagradas”. Junte-se o espírito e a bondade de todas as grandes almas em uma só: todas juntas não estariam em condições de proferir um dos discursos de Zaratustra”.⁴⁸

Há, enfim, ao longo da obra de Nietzsche, uma série de marcas que sugerem um envolvimento mais profundo com o paganismo. A brevidade do presente trabalho impede maiores digressões, mas o quanto exposto já basta para permitir a condução da pesquisa à conclusão.

CONCLUSÃO

O paganismo sempre esteve presente na história de Israel. Logo depois do Êxodo os israelitas construíram um bezerro de ouro e, desde então, nunca mais se afastaram da idolatria. O Senhor levantou profetas para orientá-los e corrigi-los dos maus caminhos: sem êxito, todavia! A proclamação profética foi feita por palavras, ações simbólicas, gestos e dramas, de modo a alcançar todos do povo e, com isso, tornando-o indesculpável.

Os riscos do paganismo ficaram muito bem evidenciados, na medida em que as admoestações foram frequentes. Ezequiel, Jeremias, Isaías, Oséias e tantos outros profetas insistiram na necessidade de ajuste do curso espiritual. Entretanto, o povo endureceu o coração e cauterizou a consciência. Como consequência, Israel foi destruído pela Assíria e Judá foi levada ao cativeiro pela Babilônia. Se Deus não punisse a nação judaica severamente, provavelmente não seria possível, no futuro, retomar a comunhão divina, tamanho era o nível de contaminação idólatra.

Nos tempos contemporâneos há resquícios do mesmo comportamento pagão em Nietzsche. Não há como adentrar a mente de um escritor e atestar, com absoluta segurança, qual é a sua real opinião sobre um determinado assunto, mas, no seu caso, há várias pistas por ele mesmo deixadas que apontam para uma grande afinidade com o paganismo. Os ritos dionisíacos que ele demonstrou apreciar são focados em práticas sexuais como forma de adoração à divindade, exatamente como eram os cultos cananeus apresentados nas Escrituras. É bastante provável que a dubiedade e o caráter misterioso da sua obra, marcada por símbolos, metáforas e enigmas, seja produto justamente de sua crença pagã, uma vez que os rituais de adoração envolvem práticas individuais marcada por emoções, sentimentos e expressões sensoriais e que, por isso, não podem ser descritas de forma direta, objetiva e clara.

Os profetas bíblicos do Antigo Testamento patentearam que o paganismo e a idolatria que dele resulta são abominações para o Senhor. A ótica sensivelmente crítica e a intensidade admoestatória por eles adotadas deixam muito nítido o perigo que representam, pois afastam o homem de Deus. A idolatria e o paganismo continuam existindo nos tempos atuais, embora, muitas vezes, não tenham a mesma vestimenta da antiguidade. Expressões dela, algumas

⁴⁸ NIETZSCHE, 2010, p. 112.

vezes implícitas e outras explícitas, existem na obra de Nietzsche e, por isso, os cristãos devem estar sempre atentos na sua leitura.

É uma medida de bom alvitre e altamente recomendada conhecer, antes do início da leitura, o viés ideológico do autor. Com isso, o cristão de hoje poderá redobrar a vigilância e evitar a contaminação espiritual e a adoção, na vida pessoal, de convicções pagãs que, ao final, podem resultar no mesmo juízo divino que foi destinado às nações idólatras de Israel e Judá.

REFERÊNCIAS

ATANÁSIO DE ALEXANDRIA. **Contra os pagãos**. [S./l.]: História Magna, 2021. E-book Kindle.

AURÉLIO, Daniel Rodrigues. **Nietzsche: vida e pensamento**. São Paulo: Discovery, 2009. E-book Kindle.

BACKES, Marcelo. Prefácio: breve introdução à importância de Nietzsche. *In: Nietzsche, Friedrich. **Ecce homo**: de como a gente se torna o que a gente é*. Tradução de Marcelo Marcelo Backes. Porto Alegre: L&PM, 2010. E-book Kindle.

BEHLER, Ernst. Nietzsche no século XX. *In: MAGNUS, Bernd; HIGGINS, Kathleen M (Org.). **Nietzsche***. Tradução de André Oídes. São Paulo: Ideias & Letras, 2017.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**: Almeida Corrigida Fiel. Disponível em <https://www.bibliaonline.com.br/acf>. Acesso em 27 mar. 2024.

BRION, Marcel. **A ressurreição das cidades mortas**. Genève: Ferni, 1975. Vol. 3.

CHARLES RIVER EDITORS. **Os antigos cananeus**: a história das civilizações que viveram em Canaã antes dos israelitas. São Paulo: Charles River, 2020. E-book Kindle.

FINEGAN, Jack. **Light from the ancient past**: the archaeological background of the Hebrew-Christian religion. 2.ed. Princeton: Princeton University, 1959. Vol. I.

HERM, Gerhard. **O reino de púrpura da antiguidade**: os fenícios. São Paulo: Melhoramentos, 1976.

HOLLINGDALE, R. J. O herói como forasteiro. *In: MAGNUS, Bernd; HIGGINS, Kathleen M (Org.). **Nietzsche***. Tradução de André Oídes. São Paulo: Ideias & Letras, 2017.

LAFAYETTE, Maximilien. **Encyclopedia of gods and goddesses of Mesopotamia, Phoenicia, Ugarit, Canaan, Carthage and the ancient Middle East**. New York: Times Square Press, 2015. Vol. I. E-book Kindle.

LEITE, Cláudia A. **Dionísio**: o deus do vinho e da celebração. Joinville: Clube de Autores, 2023. E-book Kindle.

MAGNUS, Bernd; HIGGINS, Kathleen M (Org.). **Nietzsche**. Tradução de André Oídes. São Paulo: Ideias & Letras, 2017.

MAGNUSSON, Magnus. **Archaeology of the bible**. New York: Simon and Chuster, 1977.

NIETZSCHE, Friedrich. **Ecce homo**: de como a gente se torna o que a gente é. Tradução de Marcelo Backes. Porto Alegre: L&PM, 2010. E-book Kindle.

PARKES, Graham. **Nietzsche e o pensamento do leste asiático**: influências, impactos e ressonâncias. In: MAGNUS, Bernd; HIGGINS, Kathleen M (Org.). Nietzsche. Tradução de André Oídes. São Paulo: Ideias & Letras, 2017.

ROBSON, Simon M. **Magia de Dionísio Baco**. Durham: Wewevamp, 2022. E-book Kindle.

SCHACHT, Richard. O tipo de filosofia de Nietzsche. In: MAGNUS, Bernd; HIGGINS, Kathleen M (Org.). **Nietzsche**. Tradução de André Oídes. São Paulo: Ideias & Letras, 2017.

SEAMUS, Giacomo. **Nietzsche, um humano, demasiadamente humano**. [S.l.]: E.M., 2024. E-book Kindle.

SMITH, Wilfred C. **O sentido e o fim da religião**. Tradução de Geraldo Korndörfer. São Leopoldo: Sinodal, 2006.

SOLOMON, Robert C. O argumento *ad hominem* de Nietzsche: perspectivismo, personalidade e ressentimento revisitados. In: MAGNUS, Bernd; HIGGINS, Kathleen M (Org.). **Nietzsche**. Tradução de André Oídes. São Paulo: Ideias & Letras, 2017.

STAR, Riley. **Paganism**: an introductory guide. Nevada: NRB, 2015. E-book Kindle.

THOMPSON, John A. **A Bíblia e a arqueologia**: quando a ciência descobre a fé. Tradução de Neyd Siqueira. São Paulo: Vida Cristã, 2007.

UNGER, Merril F. **Arqueologia do Velho Testamento**. Tradução de Yolanda M. Krievin. São Paulo: 2004.



Comunicações

da Faculdade Batista Pioneira

A importância da Pesquisa Acadêmica na Teologia

batistapioneira.edu.br

II Seminário Internacional de Comunicações

doi.org/10.58855/2966-165X.2024.v2.021



Comunicações está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

O CRISTIANISMO ATÉ O SÉCULO III

Christianity until the 3rd Century

Ephraim Krüger¹

Ester Alana Andretta²

Estevan Castro Silva³

Guilherme Henrique Marin Streda⁴

Ismael Renato da Silva Almeida⁵

Josemar Valdir Modes⁶

Letícia Sackmann⁷

¹ O autor é graduando em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira, em Ijuí/RS. Atua como seminarista na Igreja de Cristo: Sociedade de Cristo, em Augusto Pestana/RS. ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-9315-0504> - E-mail: ephraim@batistapioneira.edu.br

² A autora é graduanda em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira, em Ijuí/RS. Atua como seminarista na Igreja de Cristo: Sociedade de Cristo em Augusto Pestana/RS. <https://orcid.org/0009-0005-0141-8622> - E-mail: esteralanaa@batistapioneira.edu.br

³ O autor é bacharelando em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira, em Ijuí/RS, bacharel em Engenharia Civil e especialista em Projetos de prevenção contra incêndio. Atua como professor de Inglês na escola CEPP em Augusto Pestana/RS e como seminarista na Igreja Batista da Glória em Carazinho/RS. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3245-1992> - E-mail: estevanastro2011@gmail.com

⁴ O autor é graduando em teologia pela Faculdade Batista Pioneira, em Ijuí/RS. Atua na Igreja Batista em Santa Rosa/RS. Email: stredaguilherme@gmail.com

⁵ O autor é graduando em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira, em Ijuí/RS. E-mail: ismaelrenato@batistapioneira.edu.br

⁶ Formado em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira, em Ijuí/RS, tem especialização em Liderança e Gestão de Pessoas pela FABAPAR (Curitiba/PR), mestrado livre na área de Missão Integral da Igreja pelo Seminário Teológico Batista Independente e mestrado em Teologia Pastoral pela FABAPAR. É doutor em História pela Universidade de Passo Fundo/RS, na linha de pesquisa de Cultura e Patrimônio. Trabalha como Pastor na Primeira Igreja Batista em Ijuí/RS e como Coordenador de Graduação na Faculdade Batista Pioneira, em Ijuí/RS. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5094-1173> - E-mail: dinho@batistapioneira.edu.br

⁷ A autora é graduanda em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira, em Ijuí/RS. Atua como seminarista na Igreja Batista em Candeia/RS. E-mail: leticiasackmann@hotmail.com